

Tempus Fugit: o tempo na sociedade em rede

Gustavo Cardoso

Professor Auxiliar do ISCTE e Investigador do CIES-ISCTE; Presidente do OberCom

gustavo.cardoso@iscte.pt

Maria do Carmo Gomes

Investigadora do CIES-ISCTE; Coordenadora Científica do OberCom

carmo.gomes@iscte.pt

Tânia Cardoso

Investigadora do CIES-ISCTE

tania.cardoso@iscte.pt

Resumo

O que é o tempo? Como se tem vindo a modificar a ideia de tempo ao longo do desenvolvimento das sociedades? Como lidamos com as suas diferentes interpretações culturais e os seus diferentes contextos histórico-sociais?

A sociedade da informação ou a sociedade em rede como se queira designar tem como uma das suas principais consequências a alteração profunda dos tempos, para além de, em simultâneo, ter modificado profundamente as suas formas de uso. Hoje confundem-se tempos de trabalho com tempos de lazer, comunica-se em tempo real via internet para qualquer local do mundo a qualquer instante e em qualquer lugar, utilizam-se tecnologias multimédia e multi-tasking. A ideia subjectiva de que o tempo se modificou pode ser confrontada com dados objectivos que permitam compreender o que fazem hoje os portugueses com o seu tempo e como é que as TICs influenciam esses usos. É este o propósito deste capítulo. É com base nos dados do estudo "A Sociedade em Rede em Portugal" que se realizará esta análise.

Palavras-chave: Sociedade em rede; Usos do tempo; Internet e media.

1 Tempus Fugit

Tempus fugit é uma expressão em latim que quer dizer "o tempo voa", é frequentemente usada como inscrição em relógios e foi pela primeira vez registada em escrita pelo poeta romano Virgílio nos seus versos intitulados *Geórgica: Sed fugit interea fugit irreparabile tempus*, que traduzido seria algo próximo de "Mas ele foge no entretanto: o tempo não retorna, foge-nos". As utilizações da expressão *Tempus Fugit* na literatura e artes são várias e vão desde a música do grupo rock Yes, no seu álbum Drama de 1980, até ao episódio da série *The X-Files* onde o tempo voa, ou melhor desaparece, literalmente.

Escolher combinar *Tempus Fugit* e Sociedade em Rede parece fazer todo o sentido, pois o tempo adquiriu uma nova dimensão no nosso novo modelo de organização social. Para, por exemplo, Manuel Castells, o tempo das nossas sociedades tem características atemporais, pois aquele perde a sua lógica sequencial e as novas representações e atitudes parecem indicar uma permanente tentativa de alterar os ritmos biológicos do tempo em todas as dimensões da nossa vida (Castells, 2002). Até aqui nada de novo, pois sendo o tempo uma construção social, todas as sociedades têm tido o seu *tipo* de tempo. Voará mais o nosso tempo na sociedade em rede? Ou seja, será que o tempo nos parece mais curto porque fazemos mais actividades no mesmo tempo? Ou porque fazemos trabalho em tempos de lazer e lazer em tempos de trabalho?

O tempo fisicamente não acelerou, ou pelo menos assim nos mostram os relógios atómicos que podemos consultar na World Wide Web mas será que a nossa percepção do tempo nos faz olhar para ele como um tempo mais acelerado? Para tentar responder a estas perguntas devemos olhar de que forma lidamos com as tarefas e com o tempo no nosso dia a dia, é isso que se propõe neste artigo fazer,

olhando de que forma a chegada da Internet ao nosso dia a dia provocou, ou não, mudanças significativas na forma como objectivamente usamos o nosso tempo.

1.1 O Tempo e a Sociedade em Rede

As sociedades em rede ou de base informacional provocaram alterações profundas nos usos do tempo e nas actividades que as pessoas desenvolvem para o ocupar (Cardoso e outros, 2005). Não foram só os tempos de trabalho que se têm transformado devido à apropriação e utilização das tecnologias de informação e comunicação mas também, e talvez, fundamentalmente, as formas como os diversos tempos são utilizados e as actividades que neles são desenvolvidas.

A noção de tempo nas sociedades contemporâneas reconstruiu-se e é necessário repensar e compreender o papel e impactos das tecnologias de informação e comunicação nessa mudança. Privilegia-se hoje o contacto em tempo real através do correio electrónico, dos programas de mensagens instantâneas, dos telemóveis ou das aplicações que permitem o estabelecimento de comunicação verbal através da plataforma de Internet. O tempo escasseia para as múltiplas actividades a desenvolver e o uso das TIC e de espaços virtuais e em tempo real de comunicação, alterou a noção de tempo e a sua utilização para actividades específicas. Trabalha-se em casa e fora do horário de trabalho, atendem-se telefonemas e estabelecem-se contactos diversos de cariz privado durante momentos de trabalho, vêem-se os e-mails durante as férias, consulta-se as contas bancárias e realizam-se operações fora do horário do funcionamento dos bancos através da Internet, entregam-se declarações de impostos e pedem-se certidões sem necessitar de ir ao serviço público aberto para esta funcionalidade, reservam-se hotéis, viagens e outras actividades culturais sem ter de se estar na fila de uma bilheteira e a qualquer hora do dia ou da noite, entre muitos outros exemplos que aqui se poderiam enumerar.

O estudo realizado sobre *A Sociedade em Rede em Portugal* (Cardoso e outros, 2005) permitiu obter alguns dados importantes sobre os usos do tempo pela sociedade portuguesa e sua relação com a utilização dos diferentes media (Internet, tv, rádio, jornais). É com base nos dados obtidos que a análise apresentada neste texto se baseia, procurando constituir-se como um contributo invulgar nos estudos sobre a sociedade da informação, em particular, no contexto nacional.

1.2 A oposição clássica: trabalho versus lazer

A parcelarização do tempo em unidades concretas - segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses e anos – incentiva, pois, ao desenvolvimento de estratégias de controlo e de uso do tempo como um recurso, que actualmente até já se pode trocar e comprar, veja-se, apenas a título de curiosidade, o conceito económico de *Banco de Tempo*¹.

Em termos sociais, o valor do tempo tem sido continuamente associado ao trabalho, mas ao que é remunerado. Esta tornou-se a principal forma de ocupação do tempo e a forma mais visível de lhe reconhecer e imputar valor. Subestima-se assim, outras formas de trabalho, tal como o trabalho desenvolvido dentro e fora do espaço doméstico ou o tempo dedicado ao lazer. Pesquisas sociológicas e estudos antropológicos, têm vindo a ser sublinhar a importância do lazer na estratificação social e económica, particularmente através do consumo e dos gostos culturais (Pronovost, 2000: 361), mas o valor social que se imputa ao trabalho é tão desmedido que o *tempo-livre* e o lazer são relegados sempre para um plano secundário.

Os conceitos de trabalho e lazer, quando associados, são como que elevados ao estatuto de axioma científico. O trabalho apresenta-se como um dever moral, uma

¹ Trata-se de uma iniciativa bancária cuja moeda de troca é o Tempo. Qualquer investidor que esteja disposto a dar uma hora do seu tempo para prestar um conjunto de serviços, recebe em retribuição uma hora para utilizar em benefício próprio. Ver mais em http://www.graal.org.pt/index_ficheiros/BdT_Banco.htm.

fonte de rendimentos e um fim em si mesmo. Por sua vez, o lazer classifica-se a um nível inferior, como uma forma de preguiça, deleite e indulgência. Deste modo, o trabalho é considerado, por inerência, a antítese do prazer.

Como Elias e Dunning sugeriam, o raciocínio de Kant, segundo o qual o trabalho a partir do momento em que é fonte de deleite deixa de ser moral, conserva um vago eco na polarização contemporânea do «trabalho» e «lazer», sendo o último dominado pelo prazer e o primeiro totalmente desprovido do mesmo.” (Elias e Dunning, 1992, 106)

Nesta perspectiva, o lazer é encarado como o remédio para os danos provocados pelo trabalho. Esta concepção de desconforto entre homem e trabalho é consequência dos sentimentos de insatisfação que muitos dos indivíduos experimentam ao desempenharem as suas funções económicas.

Perante o trabalho tem havido uma generalizada atitude instrumental, ou seja, trabalha-se para poder usufruir do consumo de bens e serviços, mediante aquilo que auferem segundo as funções que desempenham.

Neste contexto, o lazer é definido como o tempo despendido em actividades não remuneradas, ou seja, em actividades não produtivas que têm um fim em si mesmas: o consumo de lazer, bens e serviços.

É, pois, verdade, que as sociedades da informação alteraram profundamente os usos e os conceitos de tempos de trabalho e de lazer. Desde sempre, tem sido difícil enfrentar a questão da definição do lazer. Helena Miranda (2003) lança uma vez mais a discussão acerca do lugar que lazer e trabalho ocupam nas sociedades ocidentais, evocando, para isso, sobretudo os contributos teóricos de Thorstein Veblen e Robert Reich (1899, 1991 respectivamente, *in* Miranda 2003).

Veblen, em finais do século XIX, forja o conceito de *leisure class* e Reich, mais de um século depois, amplia a perspectiva ao gosto que os indivíduos podem demonstrar por determinada função económica que venham a exercer. Veblen examinou qual a função social do trabalho e do lazer ao longo do desenvolvimento das sociedades. Para este autor, o termo lazer significa o consumo do tempo de forma não produtiva e enquanto capacidade financeira para suportar uma vida de ócio sem a necessidade de rendimentos regulares. É, pois, considerado um bem imaterial (Miranda, 2003). Assim, o estatuto social de cada indivíduo é determinado pela relação que estabelece com o trabalho, na medida em que quanto maior for o seu poder económico, maior é a capacidade para optar pelo lazer em vez do trabalho.

Já no século XX, Reich discorre acerca das consequências sociais do desenvolvimento económico e do sistema capitalista. Nas actuais sociedades capitalistas existem cidadãos que trabalham pela importância que tem para si próprios a sua posição sócio-económica, que depende, por sua vez, da função económica desempenhada dentro da comunidade em que se está inserido. Esta perspectiva parece desafiar a ideia de que trabalhar é uma opção instrumental, ou seja, parece afirmar que se pode escolher trabalhar apenas pelo prazer que tal trabalho confere. Tal remete-nos para a questão da realização pessoal, que é justificação bastante para nos fazer submeter a horários, ordens, superiores hierárquicos, etc., em nome da compensação intelectual e emocional que determinada tarefa nos traz (Miranda, 2003).

Por sua vez, Pekka Himanen (2002) discorre sobre como a ética Hacker se substituí à ética Protestante e como nas nossas sociedades as barreiras entre lazer e trabalho também se esbatem porque surgiu uma ética do prazer associado ao trabalho e relevou para um segundo plano a ideia de trabalho como um dever social. Esta ética Hacker é um produto da sociedade em rede e pode ser visualizada no funcionamento de muitas empresas onde a criatividade é um factor fundamental para o sucesso do negócio, do Google até às empresas de design de mobiliário essa filosofia parece permear o tecido social demonstrando que o lazer não tem apenas espaço fora do tempo de trabalho e o horário de trabalho não tem de ser inflexível.

1.3 A construção social do tempo

Para Perista, a percepção do tempo resulta duma construção social; o tempo não existe apenas em termos de unidade métrica; à dimensão quantitativa do tempo há a acrescentar a sua vertente – fundamental, para a matéria que aqui se trata – qualitativa. As sociedades e os indivíduos vivem de acordo com a complexidade do ritmo imposto por motivos culturais, sociais e económicos, regendo a sua vida diária com base num tempo socialmente construído e diferentemente valorado.” (Perista, 2004: 1 *in* <http://www.aps.pt/ivcong-actas/Acta166.PDF>). Também segundo a classificação das actividades de tempo livre proposta por Elias e Dunning (1992), o trabalho, no sentido de uma profissão, é apenas uma das esferas que reclamam a subordinação regular e equilibrada dos sentimentos pessoais, às necessidades sociais e impessoais. Essa classificação distingue, *trabalho privado e administração familiar*, ao qual dificilmente poderemos chamar lazer, da categoria *repouso*, que não é assim tão nitidamente distinto de outras actividades de lazer que pertencem à categoria das *actividades miméticas* que, por sua vez, são todas e quaisquer ocupações não especializadas. Foram ainda distinguidas as categorias de *provimento das necessidades biológicas*, que inclui a satisfação das precisões físicas e a *sociabilidade*, que engloba desde o modo formal à total informalidade de estar com os outros e de gerir o tempo livre.

Esta velha polarização do lazer face ao trabalho, é inadequada, quanto mais não seja porque sugere que todo o tempo que não é empregue a trabalhar, pode ser dedicado a actividades de lazer e não é assim que acontece.

O tempo empregue no trabalho remunerado parece crescer devido às imposições da competitividade económica que contribuiu para que o trabalho entrasse também no espaço doméstico.

Actualmente, o espaço doméstico constituiu-se como um campo atravessado por mais e mais valências. As novas tecnologias da informação e comunicação, ao disponibilizarem aos seus utilizadores, computadores portáteis, *e-mail*, acesso de banda larga à Internet, e telemóveis, por exemplo, permitiram a multiplicação dos espaços de trabalho (em casa, em férias, no meio de transporte, etc.), e a intrusão de momentos de lazer em tempos de trabalho e vice-versa. O incremento de tempo atribuído ao trabalho remunerado não tem repercussões apenas na diminuição do tempo de lazer, mas também na redução do tempo destinado ao trabalho não remunerado, do qual é exemplo o lazer, a participação cívica e o trabalho doméstico.

O que acaba por acontecer é que o tempo que se aproveita, através das potencialidades das novas tecnologias, é empregue a produzir mais, por vezes porque se ganha prazer nesse acto, por vezes por obrigação de cumprimento de metas impostas por terceiros. Não se verifica, portanto, um acréscimo considerável no tempo de lazer. É por isso também que, actualmente se fala em maior produtividade em unidades temporais mais reduzidas. Não se verifica, porém, nenhum tipo de contrapartida de mais tempo livre para usufruto pessoal do trabalhador. Com efeito, a posição que cada indivíduo ocupa por referência ao recurso tempo e à capacidade de o bem gerir e rentabilizar pode resultar num factor de diferenciação social.

A realização profissional de cada indivíduo não depende somente da sua carreira, do emprego de que dispõe e do rendimento que deste aufere, mas antes de muitos outros factores – psicológicos, económicos e sociológicos – que ultrapassam a esfera estritamente profissional. Hoje, mais do que nunca, depende em grande parte, do tempo de que se dispõe para aquilo que não é trabalho, do chamado *tempo-livre*, e que em muito poucas ocasiões, está livre de tarefas. A esfera do lazer é actualmente uma dimensão fundamental da vida em sociedade e as indústrias do lazer acompanham essas tendências.

Mas, porque nem todos se realizam pessoalmente pelo prazer retirado do trabalho em que se encontram envolvidos, o tempo livre é usado por muitos como tempo de construção de identidades, um tempo ao qual se atribuí valor pelo facto de nele se permitir desenvolver actividades de lazer, como audição de música, dançar, jogar, ver televisão. Ou seja, essas buscas de actividades, que para terceiros podem aparentar

ser trivialidades são factores fundamentais de afirmação, em particular para as gerações mais novas, daquilo que se é ou se quer ser (Laermans, 1994: 68).

2 O tempo e os media

Um dos primeiros aspectos a analisar é o da relação existente entre utilização dos diferentes media disponíveis nas sociedades contemporâneas e o tempo que lhes é dedicado. Comece-se pois pela análise da frequência de uso da Internet na sociedade portuguesa. Sendo 29% os portugueses que se declararam utilizadores directos da Internet em 2003, é interessante compreender com que periodicidade usam esta ferramenta tecnológica. Os valores mais altos fixam-se na frequência diária de utilização (35,9%) e em '1 ou 2 vezes por semana' (25%), seguidos de perto da opção '3 ou 4 vezes por semana' (19,5%). Estas três opções – as mais regulares – contam com 80,4% dos que se designaram utilizadores de Internet, revelando um uso bastante frequente, fazendo parte das actividades quotidianas da vida destes indivíduos. Tendo Portugal no conjunto da União Europeia um valor ainda baixo de penetração do uso da Internet, o que estes dados mostravam claramente era que, embora sejam cerca de 1/3 os portugueses que utilizam a *web* no contexto nacional, aqueles fazem-no com grande regularidade e intensidade.

Já a televisão, prática realmente massificada entre os consumos de media em Portugal, registava valores de uso igualmente intensos para um conjunto significativo da população portuguesa. Vêem televisão mais de 2 horas por dia, cerca de metade dos portugueses (48,2%), sendo que destes 25,3% afirma mesmo que vê mais de 3 horas por dia em média. O valor mais alto de visionamento situa-se entre 1 a 2 horas, declarado por 33,8% da população portuguesa. Com o valor mais reduzido, surge 1/5 dos portugueses que indica ver televisão até 1 hora por dia. Embora sejam valores que nos obrigam a reflectir é de notar que cada vez mais as pessoas enquanto vêem televisão vão desenvolvendo um conjunto de outras actividades, como por exemplo, navegar na Internet ou ouvir música e rádio e, em particular, estas tendências, surgem nos grupos mais jovens, que tendem a preferir outros media à televisão.

Horas diárias a ver TV	%
Até 1 hora	18,0
De 1,01 a 2 horas	33,8
De 2,01 a 3 horas	22,9
3,01 e + horas	25,3
Total	100,0

Quadro 1. Horas diárias a ver TV em Portugal

Relativamente à audição de rádio os padrões de frequência revelam um valor modal que se situa entre 30 minutos e 1 hora por dia, declarado por 25% dos portugueses. Mais de 1 hora de audição de rádio por dia é realizado também por mais de metade da população portuguesa (51,4%), não chegando a ¼ os que o fazem menos de 30 minutos diariamente. De referir ainda que dentro deste grupo os valores vão sendo mais elevados quanto maior é o tempo disponibilizado para a audição da rádio. 18,4% da população que declara ouvir rádio fá-lo mais de 4 horas por dia. Estas práticas revelam que a rádio a par com a televisão – embora com valores menos frequentes de uso – preenchem grande parte do dia-a-dia dos portugueses.

Já no que se refere ao tempo despendido para a leitura de jornais diariamente, há a referir em primeiro lugar que ele é muito menor do que para a televisão ou a rádio. A par com um menor número de portugueses que tem por hábito ler o jornal diariamente, os resultados mostram que a maioria dos que o fazem, despendem entre 15 a 30 minutos para essa actividade. De seguida, 29,8% refere que gasta menos de 15 minutos a ler o jornal e uma percentagem semelhante da população portuguesa afirma gastar mais de meia hora nessa actividade.

Tempo diário a ler jornais	%
Até 15 minutos	29,8
De 15,01 a 30 minutos	43,0
30,01 e + minutos	27,2
Total	100,0

Quadro 2. Tempo diário dispendido a ler jornais em Portugal

Estes resultados reforçam (por enquanto) a hegemonia da televisão nas práticas quotidianas da população portuguesa, mas mostram também claramente a importância da rádio e da Internet como media que acompanham o uso da televisão. Já os jornais aparecem com valores significativamente mais baixos no que se refere ao tempo dispendido diariamente para esta actividade, revelando mais uma vez o problema dos hábitos de leitura ainda residuais que caracteriza a maioria da população portuguesa. Mesmo quando existe a leitura de jornais diária, é lhe afectada uma pequena parcela de tempo diariamente de um modo maioritário entre os seus leitores.

2.1 O tempo e o género

Analisados os principais media das sociedades actuais e o tempo que se despende na sua utilização, interessa agora perceber uma das distinções mais comuns no que se refere à análise dos usos sociais do tempo – a distinção por sexo dos indivíduos. Outras análises mostraram que a apropriação social do tempo por homens e mulheres é radicalmente distinta e, essencialmente, no que se refere aos tempos de trabalho (doméstico e não doméstico) e aos tempos de lazer.

Uma das principais assimetrias existentes entre homens e mulheres, contrariando os princípios de igualdade entre homens e mulheres e transformando-se em obstáculo diferenciado para a conciliação entre trabalho e vida familiar, é o tempo que se dedica às actividades profissionais. Tradicionalmente, às mulheres reservava-se o papel de domésticas que não desempenhavam actividades profissionais extra-espço doméstico e aos homens atribuía-se o papel de chefes de família que deveriam providenciar o sustento das mulheres e filhos. Embora esta tendência se tenha invertido, e existam hoje em Portugal, nomeadamente, taxas de actividade profissional femininas muito elevadas, o que os resultados desta pesquisa revelam mais uma vez é que, em 2003, mantém-se uma distribuição desigual dos tempos de trabalho profissional por homens e mulheres. As mulheres trabalham mais do que os homens num período semanal até 35 horas, e os homens ultrapassam-nas sempre nas restantes categorias que implicam mais horas de trabalho semanal.

	até 35 horas	de 36 a 40 horas	de 41 a 45 horas	46 e + horas	Ns/nr	Total
Masculino	11,8	38,8	15,2	33,1	1,1	100,0
Feminino	27,3	37,4	11,5	22,5	1,4	100,0
Total	19,2	38,1	13,4	28,0	1,2	100,0

Quadro 3. Horas semanais que dedica ao trabalho, por sexo dos inquiridos, em Portugal (%)

Como contraposição (e talvez factor justificativo em simultâneo) surge a distribuição completamente assimétrica das horas semanais (excluindo o fim de semana) dedicadas às tarefas domésticas. Para além do dado esmagador que revela que metade dos homens em Portugal (49,8%) não dedica nenhum tempo durante os dias da semana às tarefas domésticas, há ainda a ter em conta a desproporção de horas dispendidas pelas mulheres em relação aos homens acima das 5 horas por semana

(grosso modo, mais do que uma hora por dia). De salientar ainda que é no escalão das '0,1 a 5 horas por semana' que existe menos assimetrias, declarando mulheres e homens um valor tendencialmente semelhante – o escalão que implica menor dedicação a este tipo de actividades.

	0 horas	de 0,1 a 5 horas	de 5,1 a 13 horas	de 13,1 a 25 horas	25,1 e + horas	Ns/nr	Total
Masculino	49,8	37,7	10,0	2,0	0,3	0,3	100,0
Feminino	4,5	36,5	29,6	19,9	8,8	0,7	100,0
Total	26,4	37,1	20,1	11,3	4,7	0,5	100,0

Quadro 4. Horas semanais que dedica às tarefas domésticas excluindo os fins-de-semana, por sexo dos inquiridos, em Portugal (%)

Esta distribuição totalmente assimétrica, por homens e mulheres, da realização das tarefas domésticas agrava-se ainda mais durante os períodos de fins-de-semana. O padrão de distribuição mantém-se mas as mulheres surgem ainda com resultados de maior sobrecarga face aos homens. De referir que no escalão das '5,1 a 13 horas' a diferença se situa em 35,6 pontos percentuais. 40,7% das mulheres referem dedicar este tempo às tarefas domésticas aos fins-de-semana, enquanto que apenas 5,1% dos homens declaram esta mesma dedicação temporal.

	0 horas	de 0,1 a 5 horas	de 5,1 a 13 horas	de 13,1 a 25 horas	Ns/nr	Total
Masculino	50,4	44,1	5,1	0,1	0,3	100,0
Feminino	4,4	48,3	40,7	5,9	0,6	100,0
Total	26,7	46,3	23,5	3,1	0,5	100,0

Quadro 5. Horas semanais que dedica às tarefas domésticas aos fins-de-semana, por sexo dos inquiridos, em Portugal (%)

Também o tempo despendido nas deslocações casa-trabalho foi objecto de inquirição. Do ponto de vista global é importante salientar que a maioria dos portugueses (38,38%) gasta em deslocações por semana entre 1,1 a 3 horas, o que significa no máximo pouco mais de meia hora por dia em média. A este valor acresce, logo de seguida, os que dedicam entre 3,1 a 9 horas, o qual já implica um dispêndio significativo de tempo em deslocações (no máximo, em média, 1 hora e meia por dia). Valor semelhante tem também a categoria que implica tempos mais curtos de deslocação (até 1 hora por semana), que é declarado por 27,9% dos portugueses. São as mulheres que mais se encontram neste escalão, enquanto os homens são sempre em maior número nos escalões de tempo seguintes.

Finalmente, a análise dos usos do tempo associadas a determinadas práticas no contexto doméstico remete para a análise do tempo despendido diariamente a conversar com membros do agregado. O valor mais elevado – 32,4% – situa-se no escalão '2 a 4 horas' por dia, o que significa uma dedicação significativa à partilha e à interacção com os membros da família. Em conjunto, este escalão e o que se refere ao intervalo entre 1 e 2 horas por dia a conversar com os membros do agregado doméstico, perfazem um total de cerca de 60%. São, mais uma vez, as mulheres que se situam no escalão mais elevado (4 e mais horas), em comparação com os homens. Ainda de referir que as horas gastas a dormir não sofrem alterações significativas para um conjunto maioritário da população portuguesa (86,1%). São 8,8% os que referem que apesar de tudo passaram a dormir menos desde que utilizam a Internet.

Embora estes resultados não se constituam como novidade, podem pelo menos constituir-se como uma actualização alguns inquéritos realizados aos usos do tempo (Perista, 1999, 2004). Como fotografia estatística eles evidenciam uma clara

sobrecarga de tempos profissionais e de dedicação às tarefas domésticas por parte das mulheres. Claro está que a proporção de uso do tempo para o lazer é também claramente diferenciado para homens e mulheres, bem como as actividades que nele se desenvolvem. E por isso é interessante analisar que usos de media fazem homens e mulheres.

2.1.1 Género e media

Relativamente à Internet são os homens que apresentam um padrão mais frequente de utilização da Internet, mas não tendo distribuições totalmente assimétricas. São até bastante semelhantes os padrões de utilização da *web* por homens e mulheres tendo em conta que a diferença em termos de utilização global se situa em quase dez pontos percentuais – 33,9% dos homens declaram-se como utilizadores de Internet e 24,1% das mulheres portuguesas também o é.

Mas o que se passa relativamente à Internet, passa-se exactamente de modo contrário relativamente à televisão – são as mulheres que declaram visionamentos mais intensos e frequentes da TV, sendo que aqui as diferenças sendo ligeiras são um pouco mais elevadas no que à Internet diz respeito.

No que se refere à audição de rádio diariamente são novamente os homens que declaram passar mais horas a ouvir rádio a partir do limite dos 30 minutos diários, onde até aí as mulheres aparecem com uma muito ligeira maior dedicação.

Já no que toca aos jornais, e este sim, o media com distribuições mais desiguais por homens e mulheres, como pode ver-se no quadro seguinte, são as mulheres que fazem leituras em menores períodos de tempo, enquanto os homens dedicam mais tempo por dia à leitura da imprensa.

Tempo diário a ler jornais	Mulheres	Homens
Até 15 minutos	38,3	22,8
De 15,01 a 30 minutos	41,5	44,3
30,01 e + minutos	20,2	32,9
Total	100,0	100,0

Quadro 6. Tempo diário dispendido a ler jornais em Portugal (%)

Estas relações entre consumos de media e género, evidenciam um dado efectivamente surpreendente – ao contrário da distribuição completamente assimétrica da distribuição do trabalho doméstico (e também de alguma distorção do que se refere ao trabalho profissional) – as tendências demonstram que, à excepção da imprensa, homens e mulheres têm práticas de uso do tempo bastante semelhantes no que diz respeito à utilização da Internet, ao visionamento da televisão e à audição de rádio, isto claro com as merecidas ressalvas no que se refere a pequenas diferenças de distribuição.

O caso da imprensa, por si só, revela mais uma vez tal como noutros indicadores relativos aos níveis de literacia ou aos hábitos de leitura, que as mulheres dedicam menos tempo à leitura de jornais e, porventura, fazem-no menos que os homens, mas o mesmo não se passa com outro tipo de imprensa, como é o caso das revistas, onde as mulheres são as consumidoras mais frequentes. Importa também referir que estas distribuições a partir de variáveis mais finas como o tipo de jornal que lê diariamente poderiam demonstrar relações interessantes entre imprensa mais feminina e imprensa mais masculina, mesmo no que se refere exclusivamente aos jornais.

3 O Tempo, os Media, a Internet e a Sociedade em Rede

Para além dos indicadores sobre a regularidade e frequência dos consumos de media pela população portuguesa é agora o momento de introduzir a relação entre os consumos de media e o facto de se ser ou não utilizador de Internet.

Estes dois grupos da população portuguesa distinguem-se um face ao outro por características que muito têm a ver com a história e o desenvolvimento recente da sociedade portuguesa (Cardoso e outros, 2005). No grupo dos não utilizadores, pode-se dizer que se encontram genericamente os indivíduos mais velhos, possuidores de menores qualificações escolares ou ausência delas, desempenhando profissões menos qualificadas, e eventualmente, reformados ou domésticas, e vivendo em regiões menos desenvolvidas. No caso dos utilizadores de Internet agrupam-se um conjunto de características tais como, o facto de serem mais escolarizados e mais jovens, desempenharem profissões mais qualificadas e residirem em regiões mais desenvolvidas no contexto nacional, e serem predominantemente indivíduos do sexo masculino.

São por isso dois grupos que assumem no contexto da sociedade portuguesa protagonismos claramente diferenciados e ainda mais no que à utilização das novas tecnologias diz respeito.

Interessa, por isso, perceber se isso também afecta os seus consumos de media e os diferencia ou não. Utilizamos mais uma vez o tempo dispendido no visionamento de televisão, na audição de rádio e na leitura de jornais.

O que os resultados mostram é que o facto de se pertencer a um destes dois grupos tem relação com o tempo dispendido no visionamento de televisão e na leitura de jornais, mas não na audição de rádio. Este último tem um padrão muito semelhante (e até aleatório) pelos diferentes escalões de tempo dedicado a esta actividade tendo em conta o facto de se ser utilizador de Internet. Estes resultados são ainda mais curiosos se se tiver em conta que as distribuições destes três tipos de actividades por utilizadores e não utilizadores de Internet são claramente diferenciadas. À excepção do visionamento de televisão que tem práticas hegemónicas no conjunto da população portuguesa, não se diferenciando também por estes dois grupos, a audição de rádio e a leitura de jornais e revistas mostram que são, respectivamente, 96% e 94% que o fazem dentro do grupo dos utilizadores e 83,2% e 70,8% no grupo dos não utilizadores de Internet.

Interessante é, também, perceber que são os utilizadores de Internet que dedicam mais tempo à leitura de jornais e menos ao visionamento de televisão, por relação com os que não utilizam a Internet. Mais uma vez, estes resultados mostram que a Internet não é um media de substituição nem em termos de práticas genéricas, nem em termos de tempo dispendido, mas antes de acumulação com outros media, e nomeadamente, com a rádio e a televisão.

Já quanto aos jornais, para além de se perceber que é dentro do grupo dos utilizadores de Internet que as pessoas despendem mais tempo a lê-los diariamente, há também que não esquecer que muitos deles até podem ser lidos através desta plataforma, revelando mais uma vez esta característica *cumulativa* que a *world wide web* contém para um conjunto de actividades quotidianas no contexto das sociedades em rede.

Foge-nos o tempo na sociedade em rede? Devemos, tal como nas costas dos relógios, inscrever a expressão *Tempus Fugit* nos nossos PC's e Apple's, iPod's e Telemóveis?

Os portugueses dormem por dia 7 horas e meia, dedicam apenas menos uma hora (6 horas e meia, aproximadamente) a brincar com as crianças ou a falar com pessoas do agregado doméstico, vêem televisão e ouvem rádio cerca de 2 horas e meia diariamente (cada uma delas), falam ao telefone ou ao telemóvel durante vinte minutos e, entre os que usam a Internet, navegam 1 hora na Web. Semanalmente, a maior fatia de tempo é utilizada na realização das tarefas domésticas (mais de duas horas em cada dia), no estudo ou no trabalho. Mas quem utiliza a Internet regista um padrão, tal como observámos na análise desenvolvida, diferente.

Uma diferença significativa é a média de horas mais baixa que quem utiliza a Internet gasta a ver televisão: pouco mais de duas horas por dia, quando os não utilizadores atingem perto de três horas diárias. Constatou-se que uma fatia importante dos tempos quotidianos é votada, para além do trabalho/estudo e do sono, às actividades

domésticas. No caso dos indivíduos que se declaram utilizadores da Internet, o tempo despendido neste tipo de tarefas é, contudo, relativamente baixo, em especial quando comparado com o verificado entre os não utilizadores. Em média, os primeiros afirmam consumir pouco mais de 4 horas semanais nas actividades ligadas à casa durante os dias de semana e cerca de 3 horas nos fins-de-semana. Já no que respeita aos não utilizadores estes valores sobem para cerca de 7 horas e meia, no primeiro caso, e 4 horas no segundo.

Quanto às horas de trabalho, a comparação tende a apontar mais semelhanças que diferenças, ainda que se verifique uma incidência ligeiramente superior, no caso dos utilizadores, na categoria até 35 horas trabalho semanal (24%). A maioria destes últimos (36%) inscreve-se no escalão das 36 a 40 horas, mas quase 30% trabalham ainda, em termos médios, mais de 45 horas semanais. Outro dado disponível prende-se com o tempo utilizado em conversas com os membros do agregado familiar. Também aqui as diferenças são pouco significativas, registando-se que a maioria dedica 1 a 4 horas diárias ao convívio familiar.

No caso das horas dispensadas ao sono, durante a semana os comportamentos de utilizadores e não utilizadores da Internet tendem a aproximar-se, registando-se como situação mais comum entre 6 a 8 horas de sono diárias. Já ao fim-de-semana, os cibernautas manifestam dormir um pouco mais: a maioria (46%) descansa por mais de 8 horas, enquanto apenas 28% dos não utilizadores afirmam fazê-lo.

A interferência da utilização da Internet no tempo despendido a dormir é também praticamente nula. Para 86,2% dos utilizadores de Internet não se registou nenhuma alteração no tempo que dedicam ao sono, sendo apenas 9% os que referem que passaram a dormir menos.

Quem utiliza a Internet retira tempo a outros media, não o retira a quem o rodeia, nem ao seu sono. Se fazemos mais coisas, aparentemente fazemo-las porque as comprimimos num tempo menor do que tradicionalmente seria necessário para as realizar ou porque, entretanto, desenvolvemos competências associadas ao multitasking.

Para a maioria dos indivíduos essa opção de compressão temporal e de multitasking não é necessariamente negativa, é, pelo contrário, uma opção pela autonomia, pela diversidade, pela multiplicidade de fontes, pelo confronto e espírito crítico permanente. Mas, para além das tarefas passíveis de serem comprimidas, tal como num ficheiro zip, há todas aquelas que o não são, do sono, à alimentação, ao convívio face a face. Se analisarmos a nossa sociedade, aparentemente com a Internet ganhámos tempo para fazer outras coisas, não diminuimos as nossas tarefas diárias, apenas as diversificámos e nessa diversificação muitas vezes substituímos tempos de lazer por tempos de trabalho e vice-versa.

Talvez o multitasking seja o exemplo vivido de que *tempus fugit*, para alguns o tempo desaparece em direcção ao trabalho para outros em direcção ao lazer. Como sempre da nossa capacidade individual de criar equilíbrios, e da capacidade das instituições das nossas sociedades em limitar os excessos, nascerá o tempo da sociedade em rede, um tempo da nossa época e consequentemente diferente de todos os outros tempos. *Tempus Fugit*.

Bibliografia

Cardoso, Gustavo, António Firmino da Costa, Cristina Palma Conceição e Maria do Carmo Gomes (2005), *A Sociedade em Rede em Portugal*, Porto, Campo das Letras.

Castells, Manuel (2002), *A Era da Informação. Economia, Sociedade e Cultura*, Volume I – A Sociedade em Rede, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Castells, Manuel (2002), *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Volume 2 - O Poder da Identidade, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Castells, Manuel (2000), *The Information Age: Economy, Society and Culture*, Volume III – End of Millennium, Oxford, Blackwell.

- Elias, Norbert (1992), *Time: an essay*, Oxford, Blackwell.
- Elias, Norbert e Dunning, Eric (1992), *A Busca da Excitação*, Lisboa, DIFEL.
- Frisby, David (1992), *Simmel and since: essays on Georg Simmel's social theory*, London, Routledge.
- Himanen, Pekka (2001), *The Hacker Ethic and the Spirit of Informationalism*, New Haven, Yale University Press.
- Miranda, Helena Carla Rodrigues (2003), *Trabalho e lazer: reformulação ou dissolução da relação de oposição?*, Tese de Mestrado, orientadora Helena Lopes, Lisboa, ISCTE.
- Laermans, Rudi (1994), Leisure as «Making Time» Some sociological reflections on the paradoxical outcomes of individualization, in Pais, José Machado (org.) (1994), *New routes for leisure: Actas do Congresso Mundial do lazer: = World Leisure Congress*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- Perista, Heloísa (coord.), (2004) Freitas, Fátima, Maximiano, Sandra, *Família, Género e Trajectórias de Vida: Uma Questão de (Usos do) Tempo*, Lisboa, IV Congresso Português de Sociologia, Acta 166 in <http://www.aps.pt/ivcongr-actas/Acta166.PDF>
- Perista, Heloísa (coord.), (1999) *Os Usos do Tempo e o Valor do Trabalho - Uma Questão de Género*, Coleções DGEEP do MTSS, Série A - Estudos Gerais, Nº 15.
- Pronovost, Gilles (2000), The collapse of the leisure society? New challenges for the Sociology of Leisure in Quah, Stella R. e Sales, Arnaud (ed.) (2000), *The international handbook of sociology*, London, Sage Publications.